

## O PALÁCIO E O TEMPLO: CENÁRIOS FUNDAMENTAIS DE PRODUÇÃO IDEOLÓGICA NA CIDADE E ESPAÇOS DE RITUALIZAÇÃO

---

*Francisco Caramelo*

Alguns dos salmos bíblicos reflectem uma ideologia real característica do período monárquico. Jerusalém, a capital do reino de Judá após a morte de Salomão, monopolizava a produção ideológica, sobretudo nos círculos próximos da corte. Os salmos reais, produzidos neste ambiente, traduzem, para além do seu incontestável interesse poético e literário, um corpo de ideias que vai de encontro à concepção oficial de realeza e de poder.

O Palácio deve ter constituído um cenário privilegiado tanto para a criação literária e para o género poético em especial, como para a reflexão em torno dos ideais de ordem social e de organização política. Mesmo numa fase pré-exílica, os círculos de reflexão sapiencial, mais próximos da corte, terão sido muito activos no que concerne à *formação de opinião* sobre estes aspectos.

Os poetas da corte participaram activamente no espírito de exaltação da figura do rei, contribuindo para a sua legitimação recorrente. O louvor ao monarca e a exacerbação da sua relação preferencial com Iavé constituíam temas fundamentais nos salmos. O Palácio acolhia estes poetas que assim demonstravam o seu valor literário, prestigiando o rei, sobretudo nas grandes festas nacionais, embora não sejam de excluir alguns hinos cujo *sitz im leben* estaria certamente relacionado

com o protocolo real, à semelhança do que podemos observar no Egito<sup>1</sup>. Os salmos reais estão associados a um contexto cúltico próprio (matrimónio real, ritos de coroação, etc.), no entanto, não é inverosímil imaginarmos hinos com uma linguagem idêntica, utilizados em circunstâncias igualmente formais, embora de carácter mais regular e quotidiano.

Como já afirmámos, os salmos reais tratam abundantemente o tema do estatuto do rei e da sua relação com Iavé. Analisemos dois exemplos. Começamos pelo sl. 20,2-6<sup>2</sup>:

«Que o Senhor te escute<sup>3</sup> no tempo da angústia;  
que o próprio Deus de Jacob te proteja!  
Que ele te envie socorro e auxílio  
do seu santuário no monte Sião.  
Que ele se lembre das tuas ofertas  
e aceite os teus sacrifícios.  
Que ele te conceda tudo o que desejas  
e te ajude a realizar os teus planos.  
Celebraremos então a tua vitória  
e em nome do nosso Deus ergueremos bandeiras.  
Que o Senhor satisfaça todos os teus pedidos.»

O salmo refere-se à satisfação dos pedidos e dos projectos reais. Iavé *responde* ao rei no *dia de aflição*, expressão que adquirirá um significado ainda mais escatológico. Envia-lhe auxílio e concretiza tudo o que o rei anseia (vs.5-6). É significativo o recurso ao verbo *mālē'* em duas ocasiões. Podemos atribuir-lhe, neste contexto, o significado de «cumprir» ou «realizar», enquadrando-se na relação dialéctica de *pedido* do rei e consequente *resposta* de Iavé.

---

<sup>1</sup> No Império Novo, era normal o funcionário, ou quem procurasse aceder ao Faraó, fazer antecipar a exposição do assunto que o levava à presença do rei de uma saudação através de um pequeno hino. Era um comportamento claramente protocolar, destinado a cumprimentar o soberano e, provavelmente, a predispô-lo para o assunto, frequentemente de natureza administrativa. O estilo laudatório foi alimentado no contexto da etiqueta própria das relações protocolares entre o Faraó e os seus funcionários e súbditos. É provável que alguns destes hinos acabassem por constituir colecções estereotipadas a que o interlocutor do rei recorreria de acordo com as circunstâncias.

<sup>2</sup> Utilizamos a tradução portuguesa: *Bíblia Sagrada A Boa Nova*, Lisboa, Difusora Bíblica, 1993.

<sup>3</sup> Preferiríamos traduzir o verbo *‘ānāh* por «responder».

## *O Palácio e o Templo*

Num outro salmo (sl.21,2-7), aparentemente ligado ao anterior<sup>4</sup>, é utilizada uma linguagem semelhante e o recurso às mesmas ideias parece evidente:

«O rei está contente, Senhor, pela força que lhe deste,  
regozija-se, porque tu lhe deste a vitória.  
Concedeste-lhe o que ele desejava  
e não lhe recusaste aquilo que te pediu.  
Puseste diante dele grandes bençãos  
e colocaste na sua cabeça uma coroa de ouro puro.  
Ele pediu-te vida e tu lha deste,  
vida longa, duradoura, eterna.  
Devido à tua ajuda é grande o seu poder;  
deste-lhe honra e dignidade.  
Concedeste-lhe bençãos sem fim;  
fizeste-o viver na tua presença, cheio de alegria.»

O rei usufrui da benevolência de Iavé e vê realizados os seus pedidos. O v.3 reproduz a mesma ideia que encontrámos já no v.5 do sl.20. Deus satisfaz os desejos do coração do rei.

No sl.21,5, o rei, que almejava longevidade, vê o seu desejo cumprido. Era comum o rei pedir à divindade uma vida longa, bem como prosperidade e a vitória sobre os inimigos<sup>5</sup>. Não é de excluir que num contexto áulico fosse frequente o *cortesão* formular votos deste género, fazendo estas fórmulas parte de um discurso protocolar e estereotipado.

A vida na corte e a natureza das relações protocolares com o rei deve ter constituído o *sitz im leben* de alguma poesia que designaríamos de tipo funcional, criada num contexto palaciano, à semelhança do que podemos observar no Egipto, a qual terá partilhado com os salmos bíblicos os grandes temas de fundo.

A exaltação do rei e da divindade é também o tema central de composições de carácter poético que se destinavam, certamente, à utilização pelo próprio soberano. Estas composições literárias, produzidas para agradar ao rei ou a seu pedido expresso e, nesse caso,

---

<sup>4</sup> É possível que haja uma relação directa entre o sl.21 e o sl.20.

<sup>5</sup> Em 1Rs.3,11, apesar de Salomão recusar essas três graças e preferir a sabedoria, a verdade é que se torna claro, ao longo da narrativa, que era aquela trilogia de bençãos que se esperava que o rei reclamasse.



destinadas a celebrações cúlticas ou a momentos de carácter público<sup>6</sup>, ocorrem por todo o Oriente.

No Egipto, na corte do Faraó, desenvolve-se uma literatura em que pontifica o louvor ao rei e o elogio das suas façanhas, sobretudo no Império Novo, quando o país incrementa as suas ambições militares. Estes hinos manifestam um acentuado cunho ideológico e a sua produção orbita evidentemente em torno dos poetas ligados ao Palácio e à corte, explicando-se assim o carácter predicativo destas composições.

Em Israel, encontramos também vários exemplos deste género, sobretudo entre os chamados salmos reais. O sl.45, que celebra o casamento do rei, constitui um exemplo eloquente deste estilo predicativo, cultivado pelos poetas da corte (vs.3-4):

«Tu és o mais formoso dos homens!  
Dos teus lábios brota encanto!  
Por isso Deus te abençoa para sempre.  
Suspende à tua cinta a tua espada, ó herói;  
ela é o teu adorno e a tua glória!»

Gunkel é da opinião de que os salmos reais teriam o seu *sitz im leben* no culto, ligados ao Templo ou ao Palácio, representados perante o rei e os notáveis do país<sup>7</sup>. Sellin e Fohrer, apesar de concordarem com o contexto cúltico original, lançam a hipótese de alguns destes salmos se haverem dissociado do culto, conquistando um ambiente próprio<sup>8</sup>. No entanto, devemos considerar a hipótese de um ou outro salmo, sobretudo aqueles destinados à preparação para a guerra ou associados à actividade militar, manterem uma existência cúltica, embora exterior ao Templo<sup>9</sup>.

Paralelamente a esta questão, levanta-se uma outra não menos importante que se prende com a historicidade destes salmos reais, isto é, dos acontecimentos a que alguns deles se reportam. É possível que alguns destes salmos se refiram a eventos históricos verosímeis, a que o poeta acrescenta o louvor ao papel preponderante do rei, bem como

---

<sup>6</sup> Cf. Marie-Joseph Seux, *Hymnes et Prières aux Dieux de Babylonie et d'Assyrie*, Paris, Les Éditions du Cerf, 1976, p. 17.

<sup>7</sup> Cf. Hermann Gunkel, *Introducción a los Salmos*, Valência, Edicep, 1983, p. 165.

<sup>8</sup> Cf. Sellin-Fohrer, *Introdução ao Antigo Testamento* vol.2, São Paulo, Ed. Paulinas, 1977, p. 376.

<sup>9</sup> Cf. John H. Eaton, *Kingship and the Psalms*, Sheffield, JSOT Press, 1986, p. 4.

## *O Palácio e o Templo*

à intervenção de Iavé em seu auxílio. Os salmos 20 e 18 eram provavelmente utilizados antes e depois da guerra, respectivamente. Podemos imaginar que estes dois salmos ganharam um carácter ritual, a partir da adaptação concreta e histórica a uma crise militar genuína e original<sup>10</sup>. Alguns salmos reais referem o papel do rei noutras situações: aniversário da coroação ou do nascimento do rei (sl.21 e 72); aniversário do santuário real e do Palácio (sl.132); matrimónio real (sl.45); entronização real (sl.2,101 e 110).

A origem destes salmos poderá ser entendida em duas fases distintas: numa primeira fase, que podemos definir como *histórica*, alguns salmos, de que destacamos a título de exemplo os salmos 20 e 18, encontram eventualmente a sua origem e formação em acontecimentos históricos concretos; numa segunda fase, que podemos designar por fase *litúrgica* ou *ritual*, estes salmos são integrados no culto e utilizados, regularmente, em circunstâncias idênticas às que lhes deram origem. Consequentemente, não podemos aceitar o contexto cúltico do Templo como o único *sitz im leben* para estes salmos, embora a sua utilização posterior tendesse a ser o culto.

A criação destes poemas reais verificou-se, em princípio, na corte e terão sido os poetas palacianos que, por iniciativa própria ou correspondendo ao pedido do rei, os produziram com uma finalidade concreta. Analisemos o sl.45,2:

«O meu coração inspira-me belas palavras;  
vou recitar ao rei o meu poema!  
Gostaria de o fazer com a arte de um bom escritor.»

Torna-se claro que o destinatário deste poema, criado por um poeta da corte, é o próprio rei. O salmista procura agradar ao soberano, deixando o salmo pressentir uma cena perfeitamente palaciana que poderia ter lugar em qualquer corte. Perante os *cortesãos*, o poeta diz um poema em que louva generosamente o rei e em que exalta a sua beleza, bem como os seus atributos militares e de justiça.

A produção e a utilização destes salmos, assim como dos hinos e orações reais mesopotâmicos, encontram o seu cenário privilegiado no Palácio e no Templo. Não significa isto, como já tivémos oportunidade de dizer, que estes salmos não pudessem ter uma existência exterior

---

<sup>10</sup> De acordo com Gunkel (cf. *op.cit.*, p. 163) também o sl.144,1-10 traduz uma situação análoga.



ao Palácio e/ou ao Templo, sendo utilizados num contexto cúltico, embora noutras circunstâncias que não as destes espaços fechados<sup>11</sup>.

Relativamente aos salmos reais, podemos considerar que a sua fase *histórica* está essencialmente ligada ao Palácio ou às actividades do rei e ao seu papel central, designadamente em grandes cerimónias religiosas. A fase *litúrgica* destes salmos, implicando já uma certa regularidade e envolvendo a sua *re-presentação* em momentos decisivos a nível político e ideológico, está provavelmente associada tanto ao Templo como ao Palácio. Eram duas instâncias públicas e de poder. A *re-presentação* dos salmos, nestas duas instâncias, tinha uma importância decisiva, na medida em que aquelas eram concorridas por audiências que, apesar de diferenciadas, eram sobremaneira abrangentes. No Palácio, a *re-presentação* tinha lugar perante as elites *socio-políticas* da cidade que giravam em torno da corte e do rei. No Templo, a *re-presentação* ocorria perante uma assembleia mais abrangente, no plano sociológico. Esta encenação pública tinha um carácter ideológico determinante, na medida em que constituía a oportunidade para a instituição real difundir uma construção ideológica acerca da realeza e da sua concepção específica de ordem social e política, a qual passava, naturalmente, pela relação de proximidade e de confiança entre o rei e a divindade.

Não devemos falar destas duas instâncias, Palácio e Templo, em termos de uma mera oposição ou de um simples conflito de interesses socioeconómicos e, muito menos, políticos, o que parece corresponder a uma leitura marxista actualmente ultrapassada. Não quer isto dizer que pontualmente não tenha ocorrido, sobretudo na Mesopotâmia, algum antagonismo. Todavia, regra geral, Templo e Palácio complementam-se e colaboram. Constituem o espaço em que o poder se manifesta publicamente, procurando impor uma construção sobre a sociedade. De certa forma, os salmos reais traduzem uma prática discursiva própria do poder real, encontrando no Templo o cenário adequado a uma generalização mais eficaz da sua mensagem social e política. Estamos pois perante dois espaços colaborantes em que os salmos reais, como expressão de alguns dos ritos mais significativos, os quais tinham lugar no Templo e no Palácio, reflectem uma evidente função social e política que encontra na cidade o seu cenário fundamental.

---

<sup>11</sup> É o caso dos instantes preliminares da guerra ou após a guerra; é o caso ainda de procissões em que o rei pudesse estar envolvido.

## *O Palácio e o Templo*

O salmo real deve, por conseguinte, ser interpretado numa perspectiva multilateral. Na verdade, para além do seu valor como expressão da sensibilidade literária dos poetas da corte, para além do seu interesse religioso e teológico, o salmo real reflecte uma lógica comum a outros instrumentos de dominação e de comunicação<sup>12</sup>. Era utilizado num contexto específico (o culto) e/ou em momentos decisivos, em que o rei detinha um lugar central na cerimónia. O cenário era também ele determinante (o Templo e/ou o Palácio, de um modo geral), como espaço intrinsecamente simbólico. O carácter público e potencialmente *propagandístico* configura também os momentos relativos à utilização dos salmos reais. Tudo isto faz do salmo real um instrumento de comunicação, actuante sobre a sociedade em geral e sobre as *elites* em particular. A *re-presentação* do salmo real constitui, na verdade, um acto de comunicação entre o poder e a sociedade, procurando legitimar a dominação sobre o *todo social*. É pois no plano da legitimação do poder e da ordem social e política que deve ser entendido o recurso ao salmo real e à sua função ideológica no contexto em que se inscreve. Por conseguinte, Templo e Palácio funcionam como os espaços de *dramatização* do salmo real, tendo a cidade como cenário de fundo, num contexto ritual em que o rei ocupava um lugar predominante.

---

<sup>12</sup> Cf. Pierre Bourdieu, *O Poder Simbólico*, Lisboa, Difel, 1989, p. 11.